
PROFESSOR

GENESCO BRETAS:

UM SÁBIO DO CERRADO

Diane Valdez*

É louvável a atitude da revista *Educativa* em homenagear o professor Genesco Bretas em sua capa. É justo e merecido. Pois, esse professor, que faleceu recentemente, deixou obras importantíssimas para a história de Goiás. Sobretudo para a história da educação local.

É comum valorizarmos os ‘de fora’ e nem tomarmos conhecimento, ou simplesmente esquecermos os valores que temos em casa. A velha história de que a grama do vizinho é sempre mais verde. E, sem perceber, compactuamos, como dizia o saudoso Henfil, com o que é determinado pelo ‘sul maravilha’. De que não há vida inteligente fora do eixo Sudeste. Quem fez pós-graduação nessa região sabe de que estou me referindo.

Não estou falando de bairrismo ou de supervalorização regional. Não se trata de compactuar com a idéia de que aqui é ‘tudo é melhor’. Mas sim, de identificarmos os nossos sábios e aprenderemos com eles. Ser disponível para conhecer. Despido da idéia do preconceito que está tão presente. Sobretudo na academia.

Para isso, sugiro uma ida aos sebos. Repletos de obras escritas por sujeitos que tinham disponibilidade de escrever sem compromisso. Sem se preocupar com o Currículo Lattes e com a Qualis. Muito menos com a preocupação de acentuar a vaidade. Mas sim com a intenção de socializar o conhecimento.

São vários autores. Gostaria de destacar, além do Professor Bretas, personagem desse texto, um historiador que contribuiu enormemente

com a produção da história local: o Professor Luís Palacin. Falecido recentemente e quase esquecido pela academia. Ressalto outro sábio menos conhecido ainda: Basileu Toledo França. Que, em seu percurso de investigador solitário, produziu obras interessantes. Anexou aos seus escritos documentos valiosos provindos de baús familiares e públicos. Sobretudo fotografias. Rompeu com a idéia de guardar os documentos como algo privado. Fora do alcance.

Assim fez o Professor Bretas. Passou uma boa parte de sua vida em arquivos. ‘campeando’ (como ele registrou) documentos que desvelasse a história regional. Claro que não com a rigidez posta hoje para nós historiadores. Esse é um outro cuidado que devemos ter ao ler essas obras. Pois foram escritas com as referências de seu tempo. E com as condições e limites de uma época.

Em sua obra *História da instrução pública em Goiás* (1990), o autor apresenta inúmeras fontes históricas. Resultado de suas incursões pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Trata-se de documentos sobre a instrução em Goiás, do século XVIII até os anos sessenta do século XX.

Essa obra demonstra o amplo conhecimento do autor. Que não se contenta em trazer somente os documentos, mas extrapola sua escrita com seu conhecimento universal. Característica dos homens de sua geração que devorava todas as folhas que tinha letras. Sem se importar com o assunto.

De forma criativa o autor ressalta as principais referências que permeavam a educação em diferentes períodos históricos da região, porém sem se afastar do cenário nacional e internacional. Ao mesmo tempo em que se refere aos métodos empregados nas chamadas escolas domésticas goianas, apresenta a história dos métodos. Ao discorrer, por exemplo, sobre Lancaster citou uma passagem curiosa recolhida de um documento que vale registrar:

Conta-se que Jorge III, Rei da Inglaterra, ao conhecer o iniciador do sistema em seu reino, perguntou-lhe curioso: “Como é possível que nas escolas um só professor ensine a 500 alunos?”. – “Do mesmo modo, que o nosso exército é posto em movimento por uma palavra do seu comandante”. Respondeu Lancaster (BRETAS, 1990, p.141).

Nessa mesma obra, Bretas registra dados de documentos do século XIX. Ao discorrer sobre o Colégio Isabel, criado em 1870, para catequizar

e ‘civilizar’ os indígenas da região, ressaltou a ‘boa intenção’ do então presidente da Província o Brigadeiro Couto Magalhães. Este contratou o mestre de mecânica Alexandre Mac Gregor Wilkes, um engenheiro inglês para ensinar aos curumins a arte de manejar máquinas a vapor e a de navegar pelo Rio Araguaia. Os pupilos, que mal conheciam a língua portuguesa, não conseguiam entender nada que Mister Wilkes falava. Assim, após dois ou três contatos com o mestre os indígenas, astutamente, levantavam e saíam sem dizer nada. Deixando o mestre e o presidente decepcionados. Não foi fácil ‘civilizar’ os curumins, pois:

De que os pequenos índios gostavam, era ir pra junto dos barcos ancorados nos barrancos do rio, maiores muitas vezes do que suas pequeninas canoas. Rodeavam a nado seus cascos, subiam para bordo, freqüentavam todas as suas dependências internas, tocando em tudo com ingênua e espontânea admiração (BRETAS, 1990, p. 5).

O século XIX é muito bem explorado nessa obra. É possível contar com os documentos para realizar inúmeros trabalhos na área de história da educação. Citei alguns exemplos para notarmos o valor da obra. Trata-se de uma produção que deve ser consultada e citada não somente por pesquisadores locais. Mas também por outros de fora do estado. Quem não conhece, vale a pena conhecer.

É importante fazer a ressalva da ausência de qualquer teoria nessa obra. Não foi uma preocupação do autor essa questão. Contudo, a riqueza de fontes permite que o pesquisador faça suas indagações, críticas, cruzamentos e conclusões. Pois, o mais difícil foi feito. Recolher e registrar inúmeros documentos sobre a história da educação regional. Todos com referências de onde foram retirados. Jornais, caixas de arquivo, documentos oficiais, materiais escolares, livros etc.

Nosso papel não é concordar com os documentos e escrever a história como se os mesmos falassem por si só. É preciso confrontá-los, fazer questões, cruzar com outras fontes e apoiado na teoria da história produzir um trabalho científico. Com as fontes em mãos ganhamos um tempo grande. Sobretudo diante do pouco tempo que temos para concluir um trabalho de pós-graduação.

Enfim, a segunda obra do professor Bretas que gostaria de destacar é sua autobiografia intitulada Memórias de um botocudo (CÂNONE, 2001). Destacar a beleza e o cuidado de biografia, a meu ver, é desne-

cessário. Para os apreciadores desse tipo de gênero, indico a leitura calma e tranqüila de um livro feito por um professor que viveu o suficiente para contar inúmeras histórias.

É uma obra de suas memórias. Diga-se de passagem: “Que memória!”. Detalhes de cada tempo são registrados de forma precisa e fluente. É como viajar pelo tempo com um personagem real. Que viu e viveu o que escreveu. Vale a pena conhecer a história local contada por esse professor, tendo-o como personagem central.

Enfim, ao reconhecer a importância do professor Bretas na história, indicando suas obras para leitura, sinto que estou cumprindo com meu ofício de historiadora. Dando destaque a obras que, muitas vezes são desapreciadas e desmerecidas por muitos. Não quero discutir aqui a postura política do professor ou a ausência da teoria em suas produções. A intenção está posta. Em um outro momento podemos discutir outras questões.

Para concluir este texto, anexo uma carta que escrevi ao professor no ano de 2003. Quando terminei de ler sua segunda obra. Estava em Campinas e ao meio das leituras do doutorado, resolvi fazer uma pequena homenagem ao mestre. Se passaram pouco mais de cinco anos e estou certa que fiz bem em homenageá-lo em vida!

Referências

BRETAS, Genesco. *História da instrução pública em Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 1990. (Coleção Documentos Goianos, n. 21).

Anexo

Campinas, outono de 2003.
Carta a um botocudo

Prezado Professor Genesco Ferreira Bretas...

É com grande respeito que venho registrar algumas linhas como forma de agradecer pelas suas publicações e aproveitar para destacar a relevância de suas obras para a História de Goiás. Apesar de não

conhecê-lo (pessoalmente) lhe escrevo nesse outono para registrar e fazer chegar ao senhor a minha inteira admiração pela sua obra História da instrução pública em Goiás (Documentos Goianos n.º21, editada em 1990 pela UFG) e pela fantástica Memórias de um botocudo (editado pela Cànone em 2001).

Quero também esclarecer ao senhor que não tenho intenção de elogiá-lo para obter qualquer vantagem, não sou candidata a nenhum cargo e nada espero em troca. Sou uma professora pesquisadora fazendo uma justa homenagem a um professor goiano que se define astutamente como botocudo.

Aliás, vou começar pela sua definição de botocudo: “Um sujeito bronco, caipira, um tabaréu, sem traquejo social, tímido e caladão”. Bem, considero essas definições de altíssima qualidade. Aproveito para sugerir outras: professor botocudo o senhor é uma predileção, uma raridade, uma preciosidade, uma pérola na nossa história.

E é mesmo! Gente que produz como o senhor é merecedor não só de tapinhas nas costas, mas, sobretudo de reconhecimento por parte de pesquisadores, de leitores e de todos. A produção intelectual é um bem da humanidade. Livros são preciosidades e muito parece com o que Mário Quintana registrou: “Livros são papéis pintados com tintas”.

Os seus grandes livros são pintados e desenhados com tintas da memória e da história que buscou e registrou de forma tão precisa, criativa e simples. Não simplista.

Tive contato com sua obra pela primeira vez em 1998, na ocasião em que escrevia minha dissertação de mestrado sobre a infância em Goiás no século XIX. Devorei as mais de seiscentas páginas de sua obra indagando e admirando o tempo inteiro sua disponibilidade em organizar os documentos sobre a história da educação em Goiás de forma tão didática.

Pensava ainda, comparando, claro que injustamente, os caminhos dificultosos que eu traçava pelos arquivos da Cidade de Goiás, com os seus mais de sete anos que percorreu buscando organizar as fontes que serviram como referência para sua obra. Que pretensão me comparar com o senhor! Que bobagem! Meus caminhos foram de dois anos e já com sua obra nas mãos para me orientar... Ora! Ora! Que tempo ganhei!

Sabe professor, a universidade de fato é muito importante. É essencial para qualquer sociedade, cada dia me identifico mais com ela. Porém, a academia é cruel no reconhecimento de algumas produções. É sisuda com algumas obras e valoriza pouco as experiências dos que passaram por ela.

Não quero perder meu tempo traçando críticas, como é a prática de muitos que nem de longe faria um trabalho parecido com o seu, também nem tenho direito de discutir teorias que poderiam subsidiar sua obra e muito menos questionar sua posição política. Quero só agradecer, agradecer e agradecer por ter tido a genialidade de escrever tais livros!

Quero agradecer por não ter perdido o bonde da história e ter corrido de forma solitária e incansável atrás das dispersas fontes. Quero agradecer por cada linha, cada citação e cada trocadilho que deixou para a História de Goiás. Quero agradecer pelo tempo que o senhor investiu, esperando somente em contribuir com uma das lacunas que existe na História da Educação em Goiás e não atrás de méritos e medalhas. Quero deixar aqui toda minha admiração pela sua geração que no silêncio do tempo, buscou, escreveu e registrou com a qualidade que poderia dispor.

Quero agradecer por me fazer rir do Ms. Wilkes, o professor inglês que veio para Goiás no século XIX contratado pelo presidente Couto Magalhães e que ficou a “ver navios” com a recusa dos curumins em assistir suas aulas sobre navegação no Araguaia. Quero agradecer por ter me dado oportunidade de viajar nos episódios sobre a famosa Santa Luzia, a palmatória que maltratava as mãozinhas das crianças que frequentavam o ensino primário nas escolas da Província. Quero dizer-lhe “obrigada” pela aula de erudição que passa em cada página de suas obras.

Li cada pedaço do seu livro, caminhei pelas páginas sem pressa de acabar, trabalhei partes em sala de aula, indiquei para amigos e inimigos e senti orgulho em ver seu primeiro livro citado em teses sobre História da Educação produzidas aqui na Unicamp.

Enfim, acabo de viajar e acompanhar suas Memórias de um botocudo passeando pelas suas histórias com passos de quem assiste um filme. Vi sua infância traquina e tranqüila da época do bê-a-bá em Anápolis, sua adolescência em Caldas Novas nas peripécias de ajudante do Cine Íris. Sofri com suas dificuldades para estudar no Rio de Janeiro, então capital federal. Te acompanhei, com enorme prazer, nas idas à Biblioteca Nacional, seus passeios pela gloriosa Rua do Ouvidor, sua amizade com Oscarito, seu retorno para Goiás na década de quarenta, seu trabalho como inspetor escolar e tantas outras passagens pra lá de interessantes.

O senhor realmente se assemelha a um bicho preguiça, como alguém o definiu. É só observar seus passos sempre dados com segurança, caminhando devagar, subindo até onde quer.

O senhor é um estimado professor, que passou pelas duas grandes guerras, que teve oportunidade de escrever a história de tantos professores/as e também a sua. Só tenho desejos de que escreva mais, que pinte com tintas palavras que encantam e ensinam.

Despeço-me registrando essa passagem da década de quarenta de suas memórias:

O moço, mal acabava de sentar-se, perguntou-me:

“O senhor é professor, não é?”

“Sim”, respondi. “Como sabe?”

“Pela sua postura, pelo seu jeito.”

O senhor é PROFESSOR mesmo! Pelo seu jeito de nos ensinar em suas obras. O senhor é o mestre de todos nós e sua história de oito décadas tinha que ser registrada!

O senhor é um botocudo mais que genial!

Abraços.

Grata sempre... Mestre Genesco!

Diane Valdez.

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: dvaldez@feufg.br